

# Resumos

# 20ª Semana de Enfermagem

DO GRUPO DE ENFERMAGEM DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE  
E DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFRGS

11 a 13 de maio de 2009  
Anfiteatro Carlos César de Albuquerque

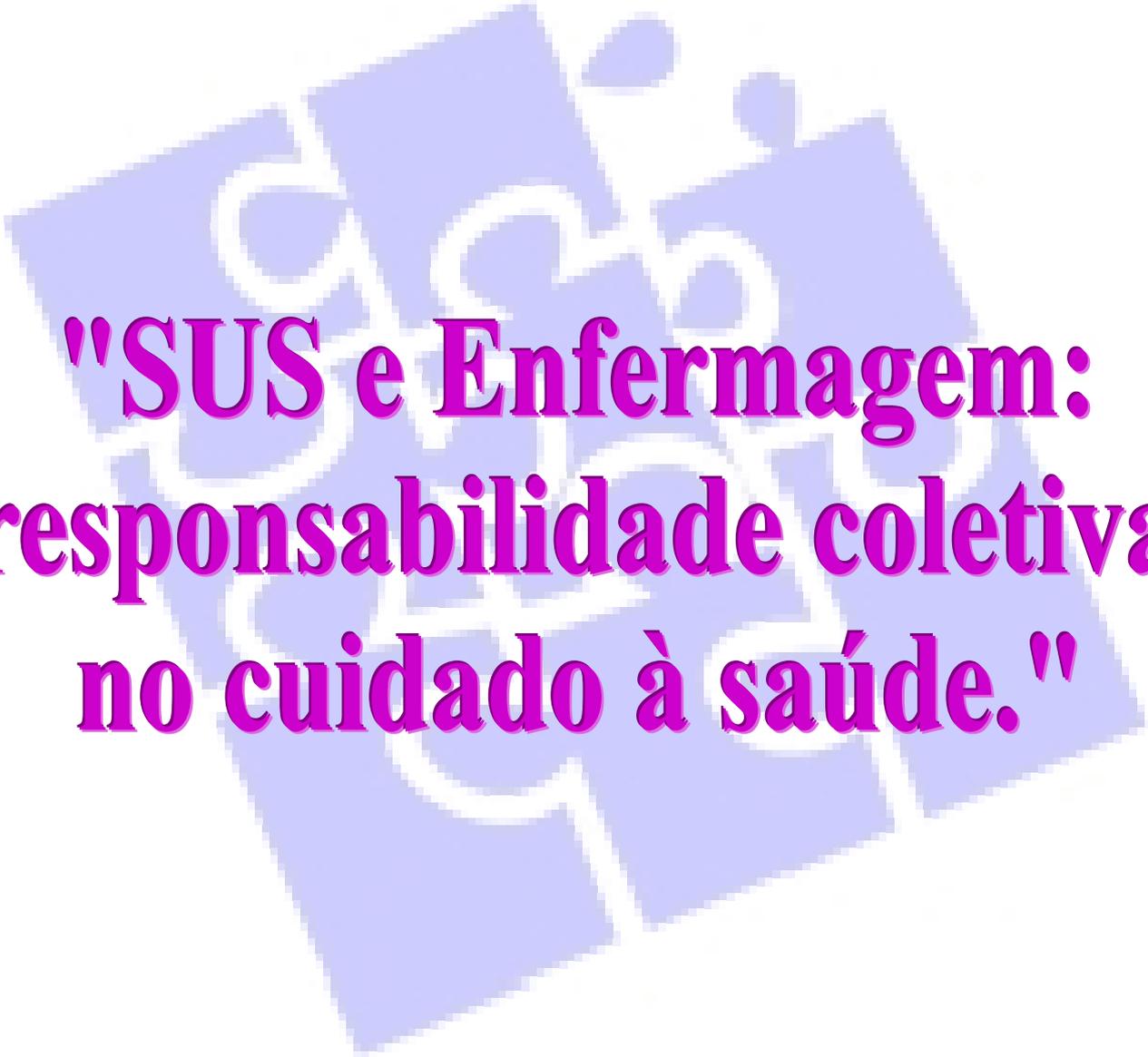
**"SUS e Enfermagem:  
responsabilidade coletiva  
no cuidado à saúde."**



# 2009



**GRUPO DE ENFERMAGEM DO  
HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL**



**"SUS e Enfermagem:  
responsabilidade coletiva  
no cuidado à saúde."**

**12 a 13 de maio de 2009**

**Local**

Anfiteatro Carlos César de Albuquerque  
Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre  
Porto Alegre – RS

**HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE (HCPA)****Presidente:** Amarilio Vieira de Macedo Neto**Vice-Presidente Médico:** Sérgio Pinto Ribeiro**Vice-Presidente Administrativo:** Tanira Andreatta Torelly Pinto**Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação:** Nadine Oliveira Clausell**Coordenadora do Grupo de Enfermagem:** Maria Henriqueta Luce Kruse**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)****Reitor:** Carlos Alexandre Netto**Vice-reitor:** Rui Oppermann**ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RGS (EE-UFRGS)****Diretora:** Liana Lautert**Vice-diretora:** Eva Neri Rubim Pedro**Projeto gráfico, ilustração e diagramação:** Gleci Beatriz Luz Toledo**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO-CIP  
BIBLIOTECA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM, UFRGS, Porto Alegre, BR-RS**

---

S471s Semana de Enfermagem (20. : 2009 : Porto Alegre)

SUS e enfermagem : responsabilidade coletiva no cuidado à saúde : resumos 2009 [recurso eletrônico] / promoção e realização Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ; coordenadora da Semana de Enfermagem Virginia Leismann Moretto. – Porto Alegre : HCPA, 2009.

1 CD-ROM

1. Enfermagem – Eventos. 2. Educação em enfermagem. I. Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Grupo de Enfermagem. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Moretto, Virginia Leismann. IV. Título.

NLM: WY3

---

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes - CRB 10/463

profissionais e percebem a visão inespecífica do enfermeiro por parte dos usuários, o que pode repercutir negativamente em sua identidade profissional. Assim, a heteroimagem remete a desafios que se reconfiguram ao longo da história da enfermagem enquanto profissão. Acredita-se que para transpor esses desafios é necessário que o enfermeiro tenha clareza da importância de delimitar suas ações em seu campo de atuação, desempenhando as atividades de sua competência e reivindicando condições adequadas de trabalho. Finalmente, enfatizamos a necessidade de novos estudos que suscitem reflexões acerca dos avanços e desafios no que tange a valorização, o reconhecimento, a satisfação e a identidade profissional dos enfermeiros.

**Descritores:** Identidade Profissional, Enfermagem, Atenção Básica.

**Referências:**

1. CODO, W. O que é alienação. São Paulo: Editora Brasiliense. 9 ed, 1994.
2. Conselho Nacional de Saúde (BR). Resolução 196, de 10 de outubro de 1996 que Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. [página na internet] [cited 2002 Jul 12]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>
3. GOMES, A. M. T. Oliveira DC de. A auto e heteroimagem do enfermeiro em saúde pública: um estudo de representações sociais. Rev Latino-am Enfermagem, v.13, n.6, p.1011-8, nov-dez, 2005.
4. HALL, S. A identidade cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A. 4 ed, 2000, 102p.
5. MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
6. NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, F. R. S. Considerações sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro no cotidiano de trabalho. Rev Latino-am Enfermagem, v. 12, n. 1, p. 50-7, jan-fev, 2004..
7. OLIVEIRA, B. G. R. B. A passagem pelos espelhos: A construção da identidade profissional da enfermeira. Texto Contexto Enferm. Florianópolis, v.15, n.1, p.60-7, 2006.
8. SILVA, A.L.; PADILHA, M.I.C. DE S.; BORENSTEIN, M.S. Imagem e Identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. Rev Latino-am.Enfermagem, v.10, n.4, p.586-95, jul-ago, 2002.

**O PAPEL DO ENFERMEIRO FRENTE À VACINAÇÃO DA FEBRE AMARELA:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Carolina Fernandes Vaz, Jessica Dallé, Leone Vargas Pinto, Nildete Pozzebon, Paola Panazzolo Maciel,

Kelly Portal, Dagmar Elaine Kaiser

Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

cvaz14@gmail.com

**Introdução:** A Febre Amarela (FA) é uma doença infecciosa, causada por vírus cujo reservatório natural são bugios e macacos que habitam as florestas tropicais. A FA se apresenta na forma silvestre transmitida pelo mosquito *Haemagogus* e, na forma urbana, pelo mosquito *Aedes Aegypti*. No Brasil, nos últimos anos a FA vem se manifestando por epidemias. A emergência da atenção primária em saúde de importância nacional de FA que iniciou em novembro de 2008 no estado do Rio Grande do Sul registrou até a data de 9 de abril de 2009, um total de vinte e seis notificações de casos suspeitos de FA silvestre. Destas, treze casos foram confirmados, seis evoluíram para óbito, nove casos permanecem em investigação e quatro foram descartados. Dos casos confirmados, dez eram do sexo masculino e três do sexo feminino. A idade mediana foi de vinte e nove anos e variou entre quatorze e cinquenta e um anos. Todos os casos não eram vacinados

contra a FA e estiveram em atividades no meio rural ou silvestre como local provável de infecção. Os municípios com indicação de vacinação contra a FA são definidos a partir de critérios de classificação de áreas afetadas ou ampliadas baseados na evidência da circulação do vírus. No período de outubro de 2008 a três de abril de 2009, foram distribuídas 2.292.000 doses de vacinas contra a FA para as Coordenadorias Regionais de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. No mesmo período, foram aplicadas 1.202.170 doses, nas áreas com recomendação de vacina e de intensificação das ações de vigilância (SES, 2009). O alerta epidemiológico 01/2009 da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre reitera que a notificação de casos suspeitos de FA é compulsória e imediata na atenção primária, sendo recomendada a vacinação no mínimo dez dias antes da viagem em todos os indivíduos, a partir dos seis meses de vida nas áreas endêmicas e nove meses em áreas não endêmicas, não vacinados nos últimos dez anos e que se deslocarem para áreas de risco. A vacina deve ser aplicada simultaneamente ou com intervalo de duas semanas para as vacinas de vírus vivo atenuados. Ela é contraindicada para pessoas com doenças febris agudas; estados de imunodepressão; pessoas com imunodeficiência congênita ou adquirida; com história de hipersensibilidade a proteína do ovo e outros derivados de galinha. O Ministério da Saúde contraindica a vacinação em gestantes, exceto em situações de emergência epidemiológica. O efeito adverso mais freqüente é dor no local de aplicação, de curta duração e autolimitada. Também pode ocorrer abscessos muitas vezes relacionados com infecção secundária ou com erros na técnica de manuseio ou aplicação da vacina. De 2 a 5% das pessoas vacinadas apresentam, depois do sexto dia, febre, mialgia, cefaléia, com duração de um a dois dias. Reações de hipersensibilidade imediatamente após a aplicação da vacina, nos primeiros trinta minutos até duas horas, do tipo erupção multiforme, urticária e/ ou asma em pessoas com história de alergia à proteína do ovo. Casos de encefalite são extremamente raros. O tratamento dos eventos adversos é sintomático ou segundo indicação do caso. (PMPA, 2009). Diante do aumento da área de risco, a Unidade Básica de Saúde (UBS) de um hospital universitário passou a disponibilizar a vacina conforme o estipulado pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS). Tendo em vista que em um curto período de tempo, 30 de março a 09 de abril de 2009, 90 cidades foram somadas às 182 já identificadas como de risco, e presenciando o aumento da demanda pela procura de imunização da FA, as dúvidas em relação à doença, as indicações, a não padronização de questionamentos por parte da equipe de saúde e dos usuários do sistema, bem como a falta de insumos e estrutura física nos levou a destacar essa importante atividade do enfermeiro na gestão do cuidado na atenção primária em saúde. **Objetivo:** Evidenciar o papel do enfermeiro na implementação da imunização para a Febre Amarela na equipe de saúde. **Metodologia:** Este relato consiste na experiência de docentes e acadêmicos da disciplina de Administração em Enfermagem: Estágio Curricular I, do Curso de Graduação Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em abril de 2009, em uma UBS do Hospital Universitário, em um momento de intenso envolvimento com a vacinação da FA, proporcionando uma experiência ímpar acadêmico-profissional através da vivência em campo de prática do enfermeiro, com dados de cobertura vacinal da UBS. **Discussão:** O enfermeiro exerce um importante papel no tocante às imunizações por orientar e supervisionar todos os aspectos técnicos e operacionais da sala de imunização, suprindo a sala de vacinas com imunobiológicos para atender a demanda. Sua equipe recebe e distribui o estoque e o uso diário; controla a temperatura da geladeira e das caixas térmicas para

uma conservação adequada; aplica as doses vacinais, realiza registros, avalia e orienta sobre eventos adversos e atua na educação para a saúde. O envolvimento da equipe de saúde, o acolhimento das comunidades, os registros em saúde e enfermagem, a clareza da informação, a educação em saúde, a documentação epidemiológica, a qualidade da assistência ao usuário na UBS, a satisfação do usuário da UBS em geral e da equipe de saúde, os recursos humanos e materiais, importância do planejamento pelo enfermeiro da implementação, execução e avaliação de rotinas na assistência vacinal ao usuário pela equipe de saúde são essenciais para o êxito e a lisura da atenção em saúde pretendida. **Resultados:** A análise da organização do trabalho na sala de vacinas e os dados epidemiológicos permitem utilizar-se dos mundos relacionados para a formação do cenário de atuação do enfermeiro. Os resultados propõem o início de um novo caminho, pois os saberes e fazeres necessários à prática de Enfermagem em sala de vacinas em momentos demandantes de campanha vacinal apontam para a necessidade de reorganização no trabalho visando a qualidade da assistência à saúde, evidenciando o enfermeiro e a equipe de saúde como fundamentais para a cobertura vacinal, requerendo a revisão do processo de trabalho de forma tal a promover processos potencializadores no seu cotidiano.

**Descritores:** Febre Amarela; Cobertura Vacinal; Atenção Primária à Saúde.

#### **Referências:**

1. ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual de Saúde. Febre Amarela Silvestre, Rio Grande do Sul, 2008/ 2009. Boletim semanal do dia 09 de abril de 2009.
2. LAROCCA, Liliana Muller. O agir comunicativo na sala de vacinas: saberes e fazeres necessários à prática de enfermagem. Curitiba: 2000. 110 p. (Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências da Saúde).
3. PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Saúde. Alerta Epidemiológico 01/2009, de 07 de janeiro de 2009. Porto Alegre: 2009.

## **O PERFIL DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES HIV POSITIVOS ACOMPANHADOS NO HOSPITAL DIA DE CHAPECÓ-SC**

Franciele Ataís Werle, Gabriela Maróstica, Alísia Helena Weis  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
alisiahelenaw@yahoo.com.br

**Introdução:** A AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é o conjunto de sintomas e infecções em seres humanos resultantes do dano específico do sistema imunológico ocasionado pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e é considerado um dos maiores problemas de saúde pública do mundo. Alguns estudos demonstram ocorrência significativa de infecção pelo HIV entre crianças e adolescentes, fato que desperta interesse sobre o desenvolvimento desta população bem como sobre práticas de cuidado específicas. **Objetivos:** Conhecer o perfil das crianças e dos adolescentes HIV positivos que são acompanhados no Hospital-Dia de Chapecó\SC. **Método:** Pesquisa exploratória descritiva. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UDESC, a coleta dos dados foi realizada nos prontuários das crianças e dos adolescentes em tratamento e ou acompanhamento no ambulatório de HIV/AIDS do Hospital Dia localizado no município de Chapecó SC. Consideram-se crianças com idade de 0 a 12 anos incompletos e